

ESTUDOS CRÍTICOS

E

RECENSÕES



Guy, Alain — *Panorama de la philosophie ibéro-américaine, du XVI siècle à nos jours*. Genève, Éditions Patíño, 1989, 285 p.

Alain Guy — professor de filosofia na Universidade de Toulouse-le-Mirail — é não só um profundo conhecedor da história da filosofia em Espanha, à qual dedica grande parte da sua actividade há mais de meio século, mas também, como ele próprio nos diz nesta obra (cf. p. XV), desde 1936-1939 mantém um estreito contacto com a actividade filosófica produzida no Novo Mundo hispânico e luso-brasileiro, no que encontrou apoio precioso em José Gaos. Desde 1967 A. Guy dirige na Universidade de Toulouse-le-Mirail o *Centre de Philosophie Ibérique et Ibéro-Américaine*. Aliás há décadas que esta Universidade manifesta uma particular vocação para o estudo das diversas produções culturais ibéricas e ibero-americanas.

Esta obra de A. Guy é uma exposição predominantemente descritiva da actividade filosófica havida na América Latina desde o século XVI até aos nossos dias. Esta exposição centra-se fundamentalmente na caracterização do contributo de cada um dos muitos autores e professores de filosofia que durante este longo período aí se dedicaram à actividade filosófica; A. Guy apresenta-os aqui agrupados por correntes ou

escolas filosóficas e segundo uma ordenação cronológica, através de dezassete capítulos, dedicados cada um a uma destas correntes ou escolas. Seguem-se quinze páginas de *bibliografia* — donde se destaca uma secção composta por obras filosóficas aí distribuídas por cada um dos vinte estados latino-americanos — e um *índice* de nomes próprios.

Considerada do ponto de vista da sua natureza, a informação que nos é oferecida através desta obra divide-se em dois tipos: uma, correspondendo à actividade filosófica produzida nos séculos XVI, XVII e XVIII, consiste predominantemente numa caracterização muito incisiva e breve da obra de cada autor/ /professor aí mencionado, embora acompanhada frequentemente de indicações bibliográficas que fornecem meios para desenvolver aquela informação; a outra, que corresponde à actividade filosófica ali produzida nos séculos XIX e XX, é — sobretudo no tocante aos autores deste último século — predominantemente uma caracterização muito mais detalhada das obras aí referidas, sem deixar no entanto de se confinar aos *limites* próprios de um *panorama* de uma dada realidade cultural-filosófica.

O objectivo fundamental que A. Guy pretende atingir com esta obra é a superação de uma situação de desconhecimento, de desinteresse acentuado e de desvalorização que tem dominado entre os estudiosos da filosofia, exteriores à

América Latina, relativamente à actividade e à produção filosóficas ali desenvolvidas. Esta situação contrasta mesmo com o que se passa em relação às outras produções culturais latino-americanas. Dois objectivos particulares se integram neste objectivo fundamental:

- 1.º A. Guy pretende — e creio que consegue — com esta sua obra abalar a ideia feita de que a actividade filosófica na América Latina não tem sido mais do que uma mera repetição do conteúdo de produções filosóficas estrangeiras, predominantemente europeias. Ele reconhece uma evidente filiação de grande parte daquela actividade filosófica nestas produções, mas chama fortemente a atenção para o facto de que a maior parte dos autores/professores de filosofia na América Latina imprimiram uma marca própria do seu meio nas suas posições filosóficas: «quer se trate da escolástica, das Luzes, do romantismo, do positivismo, do bergsonismo, do existencialismo, do marxismo ou de outras escolas, nas vinte repúblicas aqui estudadas, observam-se facilmente as modificações importantes que estas correntes ideológicas sofreram quando foram repensadas pelos Ibero-Americanos» (p. 242);
- 2.º A. Guy pretende igualmente com esta obra estimular nos seus leitores o desejo de ultrapassarem os limites da informação e da compreensão que através dela lhes oferece: «esta introdução [...] suscitará provavelmente no leitor o desejo de saber mais sobre o seu objecto e de partir ele mesmo à descoberta, esperando que um dia fasto, apareça enfim um inventário total, sistemático e crí-

tico (para não dizer doutrinal e comprometido) do conjunto do complexo pensamento ibero-americano» (p. XVI).

Do meu ponto de vista, após a leitura desta abundante informação — quer sobre a presença, na América Latina, de opções filosóficas próprias de correntes ou escolas de pensamento de origem exterior, quer sobre aspectos peculiares assumidos por estas opções — fica-se na posse de uma quantidade de dados factuais sobre uma realidade cultural-filosófica determinada, que nos permitem antever os traços da sua identidade; mas fica-se também sentindo agudamente a necessidade de adquirir mais dados sobre os caracteres daquela mesma realidade, que nos permitam *formar* dela uma *imagem* mais *precisa* e *compreender* cada um dos fenómenos culturais-filosóficos que a compõem *na sua conjuntura* cultural e socio-histórica, para que eles não sejam meras imposições avulsas em relação a um sujeito que os observe, mas adquiram um sentido num mundo que efectivamente lhes seja próprio.

L. H. Chaves de Almeida

Emery, Eric — *Ferdinand Gonseth, Pour une philosophie dialectique ouverte à l'expérience*, Lausanne, l'Âge d'Homme, 1985.

Não será exagero dizer que a epistemologia contemporânea se deixou envolver nos últimos anos pelo que poderíamos chamar uma tentação irracionalista. O que hoje se vê proliferar com maior facilidade — seduzindo quer os investigadores quer o público culto em geral — é um movimento de demolição da ideia de ciência, despojada de qualquer pretensão de objectividade ou

de verdade. O relativismo é a palavra de ordem para uma intelectualidade que aspira à liberalização das sociedades e do pensamento.

Desígnio louvável, dir-se-á, mas que acareta consigo prejuízos que em última análise se reflectem — para lá de uma descrença nas ciências — no domínio da própria ética.

Reagir ao relativismo e ao cepticismo, sem contudo cair em ilusões de tipo cientista, acaba assim por ser um imperativo que de novo se exige à reflexão filosófica sobre as ciências.

Por isso é oportuno e agradável voltar a Ferdinand Gonseth e com ele trazer à memória os propósitos de um «construtivismo» de tipo dialéctico que animou também investigadores como Brunshchvicg, Bachelard ou Piaget.

Eric Emery facilita-nos esse percurso na obra que recentemente consagrou ao notável matemático e filósofo das ciências que foi Gonseth.

Tendo tido um convívio íntimo com este géometra de formação e inspiração, Emery sentiu-se capaz de responder ao desafio de Bachelard «a filosofia de Gonseth não se resume», dando-nos uma panorâmica geral e ao mesmo tempo específica das preocupações filosóficas básicas deste autor.

Procurando a lógica interna de uma obra que se multiplica em diferentes temáticas, que constantemente se revê e actualiza em função do contexto problemático ao qual se dirige, Emery vai-nos dando o essencial do «idoneísmo» como metodologia aberta à experiência, como doutrina da adaptação intelectual progressiva, quer através do comentário quase didáctico, quer através da citação oportuna.

Não é apenas porém, a coerência interna do pensamento do filósofo suíço que nos é aí revelada: a conjugação da vasta obra de Gonseth com o que os epistemólogos chamam o seu «contexto

de descoberta» permite captar simultaneamente os meandros de um pensamento complexo e a sua relação com a personalidade que os forjou e a sua época. O meio familiar, o ambiente social em que Gonseth evoluiu são-nos recriados em pinceladas largas mas suficientes para se compreenderem as qualidades de vigor, rigor lógico e metodológico que se desprendem de toda a obra.

Emery não pretendeu pois recobrir apenas aspectos parcelares da filosofia das ciências de Gonseth, sobre os quais há já uma vasta literatura, mas captá-la em toda a sua variedade orgânica e na sua relação viva e dinâmica com os antecedentes implícitos e explícitos que nortearam as suas escolhas filosóficas.

Duas dificuldades básicas se colocavam à realização deste tipo de trabalho:

Primeira: encontrar uma estratégia que permitisse elaborar o seu polimorfo itinerário intelectual desde os primeiros escritos de 1926 à sua última obra de 1975. A tarefa não era livre de escolhos pois a investigação gonsethiana avançou desde as ciências da natureza às ciências do homem num trajecto sinuoso que torna pouco evidentes a existência de um fio condutor.

Segunda: escrever não apenas para o leitor especializado nestas temáticas mas para o homem comum «dotado de bom senso» e curioso destas questões. Prova difícil também pois os livros de Gonseth são por vezes de uma grande tecnicidade, sobretudo quando abordam questões de fundamentação matemática, física ou mesmo biológica, mas que Emery contorna já que possui um domínio dos problemas, que lhe permite dar-lhes uma mais fácil leitura sem deformar o seu sentido.

O primeiro obstáculo é superado por Emery através de uma organização da obra por períodos cronológicos nos quais recorta um perfil teórico dominante.

Assim, entre 1926 e 1948 — época em que Gonthier funda a revista «Dialéctica» e redige as primeiras obras sobre epistemologia matemática («Les fondements des mathématiques» e «Les mathématiques et la réalité», entre outros) as preocupações do filósofo centravam-se na defesa de uma filosofia aberta e revisível capaz de — funcionando como um novo discurso do método — encontrar em cada etapa de uma investigação o que convém melhor, o que é idóneo, para enfrentar problemas como a crise dos fundamentos nas matemáticas, a questão da adequação do racional ao real, a denúncia do empirismo do Círculo de Viena ou uma ideia precisa de dialéctica.

Não acreditando na possibilidade de nenhuma experiência pura nem no sentido empirista nem sequer *a priori*, pois que toda a dedução tem por detrás intuições solidárias da experiência na sua esquematização, Gonthier considera que, em cada momento, o homem comum e cientista estão diante de diversos «horizontes de realidade» em função dos quais se desenvolve o seu conhecimento. Para o espírito que busca só há uma tarefa: construir uma realidade com os meios mentais de que dispõe numa determinada situação de conhecimento, nunca original e nunca última».

O período de 1945 a 1955 é dominado pela elaboração de «La géométrie et le problème de l'espace» onde imperativos metodológicos levam Gonthier a meditar essa dimensão essencial na qual o homem manifesta a sua actividade — o espaço — deixando o tempo para época posterior: «Le problème du temps», que publica em 1966.

Entretanto o período de 1951 a 1955 permite-nos assistir ao encontro da «filosofia aberta» com o pensamento neoescolástico, dando-nos Emery a propósito uma visão rigorosa da posição gon-

thieriana em relação à metafísica tradicional («Philosophie neo-escolastique et Philosophie ouverte»).

Uma questão central para a própria epistemologia contemporânea é aí abordada: será a filosofia aberta uma escola de cepticismo?

A revisibilidade que o idoneísmo envolve está longe de ser um convite ao relativismo e ao nihilismo. Gonthier estava consciente da sedução que envolve a fórmula célebre: «a cada um a sua verdade». (O nosso tempo diríamos nós deixou-se fascinar aliás, quase totalmente por ela...). Perspicaz o idoneísta aí denuncia contudo, uma falácia que só pode justificar todos os abandonos e violências. E a citação oportuna é logo encontrada por Emery:

«Para que eu possa escapar ao cepticismo de princípio, escreveu Gonthier em «La métaphysique et l'ouverture à l'expérience», p. 276, é necessário conceder-me a mim próprio a liberdade de ser céptico, quanto à infalibilidade deste ou daquele homem, destes homens ou talvez de outros homens que só posteriormente conhecerei: Não me podem pedir tudo ao mesmo tempo. A possibilidade prática do erro é a própria condição para que o verdadeiro possa revestir o seu valor filosófico», p. 142.

Qual o papel da filosofia em tudo isto? O idoneísta não conhece uma filosofia encerrada na torre de um sistema bem construído mas fechado ao desafio que a experiência lhe poderia lançar. A ciência é inegavelmente um desafio para a filosofia e por isso o seu destino é ligar-se àquela não para ser sua serva mas para lhe permanecer sempre igual. Emery apercebeu-se de como era hoje importante, com Gonthier, voltar a chamar a atenção para este tipo de solidariedade entre filosofia e ciências e por isso não apenas cita, mas oferece-nos, na ocasião, integralmente,

as últimas alíneas de «La metaphysique et l'ouverture a l'experience».

Já na introdução tínhamos sido informados que uma característica fundamental da personalidade de Gonseth era a sua tenacidade. Há um modo evidente para a demonstrar: a referência dos inúmeros artigos que escreveu — para lá das obras centrais mais divulgadas — onde incansavelmente fez a revisão do seu próprio pensamento, pondo afinal em prática o seu idoneísmo.

O ano de 1964 merece um destaque especial. É nessa altura, já o vimos, que Gonseth publica «Le problême du tempe». É especialmente caro a Emery falar desta obra, já que dela dependeu particularmente para elaborar os seus próprios trabalhos sobre o tempo na experiência musical.

Finalmente o período de 1963 a 1975, marcado pela redacção dos seus últimos artigos e da obra «Le Référential, univers ogligé de médiatisation», é encarado por Emery como um testemunho mais, de uma coerência em todo o pensamento gonsethiano quer quando se

exercia na metodologia das ciências exactas, quer quando avançava sobre as ciências humanas, a moral ou a teologia. Emery demonstra-o facilmente: Quem recusa a afirmação de Pirandello «a cada um a sua verdade», recusa igualmente a afirmação paralela: «a cada um a sua moral». Quer na comunidade dos homens quer na comunidade dos investigadores científicos, sem um mínimo de verdades comuns, é impossível a vida durável das comunidades.

A obra termina com um apêndice que recolhe uma criteriosa escolha de textos ilustrativos do conjunto do pensamento gonsethiano.

Se é evidente que o autor denota uma profunda simpatia pelo personagem ela não o desvia de uma objectividade de análise que se reflecte na própria consciência dos limites do seu pensamento filosófico.

O convite a um retorno a Gonseth está pois aqui lançado. O leitor atento não resistirá ao desafio.

*Maria Manuel Araújo Jorge*